

O Álbum do Município de Juiz de Fora de 1915: a cidade entre texto e imagens

Prof^a. Ms. Ana Lúcia Fiorot de Souza¹ (ISE)

Resumo:

Na presente comunicação proponho uma análise dos discursos (imagens e textos) presentes no Álbum do Município de Juiz Fora de 1915. As cidades possuem espaços partilhado por todos, teoricamente falando. Entretanto, apenas uma pequena parcela desse cenário social está selecionado para ser estampado na imprensa, visto que já se trata de um espaço marcado pela exclusão. No limiar da República Brasileira a implementação de projetos sanitaristas e urbanistas. Essa publicação teve como objetivos: representar e divulgar a cidade para o público e para a iniciativa privada, objetivando alcançar outras localidades para “vender” uma imagem de progresso e modernidade, no contexto da Belle Époque mineira. A idéia de “comercializar” o “produto cidade” não ficou restrita aos álbuns, mas foi “incorporada” por outros setores da imprensa, como revistas.

Palavras-chave: Juiz de Fora, álbum de cidade, História, Memória.

Introdução

A definição do que é uma cidade pode ser feita de várias formas, devido a visão de mundo mais corrente, que se pode encontrar em cada camada da sociedade.

Todavia, há uma que se apresenta como sendo a mais simples, a que atende tanto as necessidades sociais como as demandas por bens econômico-culturais e psicológicos de um pequeno grupo de pessoas (pioneiras) que se uniram, em tempos idos, para a conquista de bens comuns num determinado espaço geográfico. É relevante essas considerações iniciais, pois o conceito de cidade é ponto indispensável ao nosso estudo que foca especialmente a cidade mineira de Juiz de Fora.

Era comum, no final do século XIX e início do XX, o poder público ou mesmo a iniciativa privada encomendar a confecção de *álbuns* que tivessem o objetivo de enaltecer as melhorias urbanas, apresentando suas riquezas. Quando encomendados pelo poder público, visavam exaltar a administração vigente, ficando perceptível a preocupação com o engajamento pelo “civilizar-se”, um dos marcos simbólicos da República Velha. Por isso, é importante ressaltar que essa publicação em estudo foi patrocinada por proventos da administração pública, para difundir os atributos e infra-estrutura local.¹

A escolha de Juiz de Fora como objeto de estudo deve-se ao fato da existência de fortes indícios sobre reminiscências dos costumes, hábitos e valores trazidos por imigrantes germânicos, italianos, sírios e libaneses que, ao se fundirem com a cultura mineira, influenciada, também, pela do Rio de Janeiro, dada a proximidade geográfica, fizeram com que se formassem um povo de comportamento híbrido com o que cada uma dessas culturas tinha de bom. E, mais ainda, com um certo verniz cosmopolita. Por isso, até os dias atuais, Juiz de Fora mantém uma população possuidora de comportamento socialmente destacável, conferindo com o que eu observara constar, nas documentações analisadas, por ocasião de estudos preliminares. O interessante é que mesmo na atualidade, ainda prevalecem os resquícios de valores culturais, políticos, econômicos e comerciais que fazem com que a cidade proporcione uma boa qualidade de vida a seus habitantes.

É importante frisar que os álbuns atuaram como peça publicitária, mas também como artefato político, na memória coletiva desses centros urbanos. É o que se considera como integrantes da denominada memória oficial na época! (POLLAK, 1989)

1. Desenvolvimento

Em consonância com outros centros urbanos, como Paris, para a Europa, e o Rio de Janeiro, para o Brasil, há em Juiz de Fora a evidência do estereótipo de cidade considerada moderna, digna de ser divulgada, por causa dos traçados largos e a utilização de iluminação pública o que, inicialmente, atendia a elite local, também, com seus meios de transportes dinâmicos (bondes, malhas ferroviárias, estradas de rodagens), sem falar na arquitetura com edificações de estilo neoclássico e, principalmente, o eclético, e tudo isso, vinculado com as medidas de saneamento pari e passo.

Dessa feita, difundia-se também a idéia de que possuía um comércio e indústria dinâmica.(ORTIZ,1991, p29-31 PESAVENTO, 2002) Ao apresentar a temática rural privilegiava-se principalmente a produção cafeeira, o gado de origem européia e, em alguns momentos, árvores frutíferas e mananciais de águas com cachoeiras.

“No Brasil, as cidades capitais e outras de porte médio não deixavam de ter os seus *álbuns*. Eles poderiam originar-se de um projeto específico ou da reunião de fotografias feitas ao longo do tempo.”(ARRUDA, 2003, p. 11) As imagens esboçavam sempre valores estéticos, religiosos e políticos das sociedades em foco. Eles (*álbuns*) atuavam, entre as produções imagéticas, criando e reforçando a memória visual das cidades.

No *Álbum de Juiz de Fora*, de 1915, para se reportar às origens, publicaram fotografias da sede da Antiga fazenda pertencente ao “lendário” Juiz de Fora, com a reprodução de imagens de Klumb (ZENHA, 2004/2 p. 14)² (fotografias que foram bases para as litografias) mostrando trechos da cidade, como a região de Mariano Procópio e a estrada União e Indústria, sem falar nos primórdios da Rua Direita. É uma volta às origens, por isso predominam os visuais de progressos urbanos com pontes, estação, o comércio diversificado, os meios de transporte, a iluminação pública e os prédios da administração pública.



ESTEVEES, Albino. *Album do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1915. p. 188

A imagem acima condensa bem o projeto imagético e textual do *Álbum* ao apresentar uma cidade funcional e em franca expansão. Essa imagem encontra-se envolta textualmente pela discussão sobre saneamento básico e a importância dos mananciais de água para o suprimento de energia elétrica (hidrelétricas). No exemplar de 1915, na maioria das vezes as imagens estão desconexas dos textos

circundantes ou mesmo manipuladas para reter a atenção do leitor, sugerindo uma idéia de minimização dos problemas urbanísticos e do saneamento (apresentados em parte dos textos circundantes).

Essa publicação é rica, no que tange à produção textual, inclusive por dissertar sobre problemas estruturais a serem sanados. Mas é preciso ressaltar que ao “leitor” menos atento (que se prende apenas às imagens) pode passar despercebido, o que se refere aos problemas descritos. Como exemplificação dessas dificuldades, observa-se uma ampla discussão sobre a necessidade de se tomar medidas para saneamentos e, nesse ponto, poderemos verificar os debates também na imprensa local. *O Jornal do Commercio* noticia a parceria entre Saturnino de Brito e Lourenço Baeta Neves³ (ANAIS, 2005) para desenvolver estudos que visavam suprir a demanda de Juiz de Fora, por recursos similares e utilizados nos trabalhos já feitos em Vitória (ES), Santos(SP), Campos dos Goytacazes(RJ), Recife(PE), entre outros. Como informa Francisco Sales Trajano Filho que a parceria entre Saturnino e Lourenço não ficou restrita a Juiz de Fora: entre 1923 a 1926 Lourenço Baeta Neves atuou como preposto de Saturnino no projeto de modernização e saneamento, na cidade de João Pessoa (PB).⁴

O *Álbum do município de Juiz de Fora de 1915* apresenta uma diagramação que mescla texto e imagens. Há a predominância de textos e as imagens são inseridas para ilustrá-los; mesmo quando desconexas, podem ser consideradas como ornamental. Há uma preocupação não apenas em ilustrar a cidade, mas em fornecer dados – divididos em seções - sobre sua História, divisão, população, meteorologia, flora e fauna, vias de comunicação, finanças, lavoura, pecuária, Câmara Municipal, instrução, instituições, indústrias e outros enfoques. Essa diagramação que prioriza a divisão por temáticas, mesclando textos, imagens, gráficos e acima de tudo, transparece a preocupação de Albino Esteves⁵ em fazer paralelos ou mesmo de informar ao leitor sobre questões urbanas, que estão sendo tratadas em outros centros urbanos, além das fronteiras mineiras. Aponta soluções tomadas em Paris, nos Estados Unidos, no Rio de Janeiro, em Campos dos Goytacazes (RJ), Recife, entre outras cidades.

A análise desse tipo de fontes é interessante, se pensarmos que estamos no limiar do século XXI, onde o material de divulgação impresso foi praticamente substituído por *sites na Internet*. Entretanto, as cidades ainda são representadas por ícones que remontam aos *álbuns* em estudo: as avenidas com fluxo circulatório, as praças e jardins, as obras de infra-estrutura, os espaços públicos e os destinados ao lazer, sem falar nos estabelecimento comerciais, e congêneres.

Dessa forma, admitimos que foi substituído o artifício da propaganda, mas não os ícones de representatividade social. *Os álbuns* facilitam ao historiador perceber as ocorrências havidas na cidade e, até mesmo, sutilezas da vida subliminar nas representações de valores associados às instituições públicas, econômicas e a de Poder. Tanto nas edições do início do século XX, que integram nosso objeto de estudo, quanto nos *sites* de cidades no limiar do século XXI, é possível observarmos uma preocupação quase paranóica em destacar a estética, da racionalidade, da organização do espaço de trabalho e também com os lugares para encontros sociais (especialmente o de lazer) e de consumo. Em suma, a forma de acesso e de participação dos sujeitos na rede de relações sociais.

Reforçando novamente o intuito mercenário observado, nessas publicações em estudo, percebe-se que elas almejavam não só divulgar, mas sobretudo “vender” infra-estrutura e imagem de cidades modernas, prontas para acolher novos empreendimentos, haja vista a conjuntura política que, internamente, estava consolidando o Regime Republicano sem grandes comprometimentos com a conturbação da Primeira Grande Guerra Mundial.

Jorge Pedro Sousa (2000, p. 23), ao tratar do fotojornalismo, pontua o poder que as fotos e notícias possuem como artefatos imbuindo forças de mecanismos pessoais, econômicos, ideológicos, históricos, culturais e tecnológicos. É importante destacar que no álbum as imagens são apresentadas por assuntos, não havendo uma preocupação em identificá-las, mas vão ao encontro as colocações da historiadora Sandra Jatthy Pesavento, sobre os mitos contemporâneos, frutos produzidos pelo imaginário. Assim, as imagens da cidade funcionavam como representação sedutora do real, atuando como força sugestiva, passando credibilidade e aceitação.

No que se refere à “massa” textual presente na edição em estudo consideramos prudente evocar as colocações de DE CERTEAU (2002), ao ressaltar o papel da escrita (e a seleção prévia dos elementos a serem veiculados) como peça chave para a solidificação de sociedades capitalistas.

Ao explorar o texto, é possível perceber escolhas e enfoques que o Albino Esteves achou necessário ser passado ao leitor, ou seja, o autor intervém selecionando e até mesmo manipulando o campo do saber que chega até seu público leitor. Em especial, a imprensa reproduz um discurso social, controlando códigos e normas reguladoras “lincadas” a uma simbologia social comum que se efetiva e lhe dá credibilidade. O discurso precisa, acima de tudo, de credibilidade e estar vinculado a uma unidade de sentido, uma identidade com o público leitor, (DE CERTEAU, 2002, P 235-242). que não é apenas quem possuía letramento, pois era costume a utilização de leitura em voz alta o que ampliava o seu alcance sócio-cultural.

Considerações Finais

Albino Esteves ao organizar o álbum para a Manchester Mineira em 1915 se preocupou em sintonizar o discurso e as imagens da cidade a filosofia política de progresso e modernização, pela qual o Brasil almejava incorporar-se como membro do sistema republicano.

Especialmente no que tange a cultura visual, mesmo exibindo uma diversidade de imagens (áreas centrais em relação aos bairros e áreas rurais), é nítido o anseio em moldar a auto-representação da sociedade juizforana.

Portanto, a cidade é apresentada como uma mercadoria a ser consumida não apenas pela população local. O álbum, como era de costume, foi editado com o intuito de extrapolar fronteiras, visando atrair pessoas e capitais. Nesse sentido, a cidade era apresentada como um espaço partilhado por todos, mas na prática, não oferecia suas benesses a todos que ali habitavam.

Na atualidade, em pleno século XX esse tipo de publicação ainda goza de prestígio. Hoje, 15 de agosto de 2008 a cidade de Juiz de Fora aguarda ansiosa a terceira reedição da publicação de Albino Esteves que acontecerá no Museu de Arte Moderna Murilo Mendes. O fotógrafo Sergio Nummann com o apoio da FUNALFA e da UFJF relançará nesta data a mais recente edição que tem o intuito de sanar a carência das escolas e entidades de pesquisa local.